

Gabriela  
Freitas

Thaís  
Wandrofski

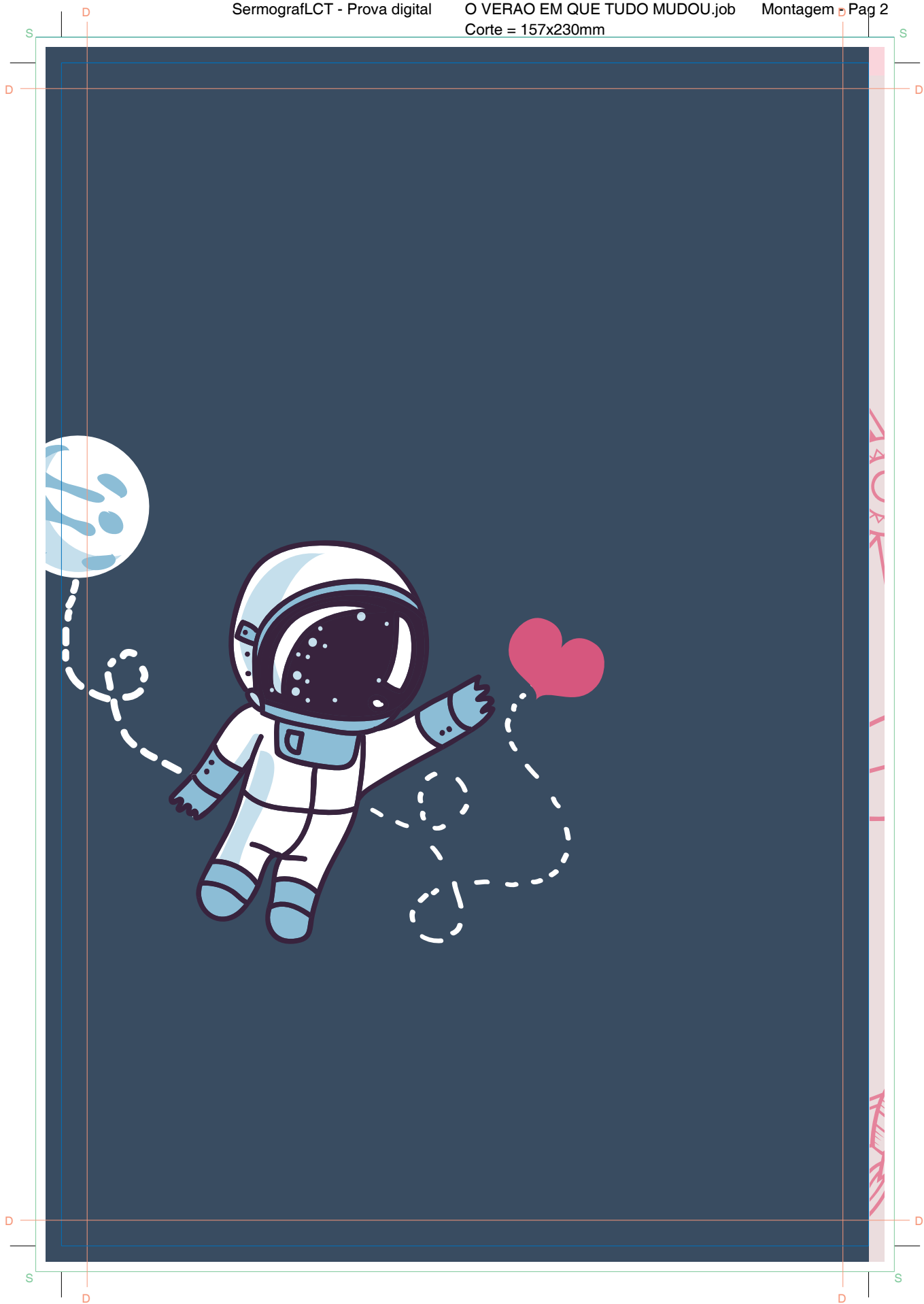
Vinícius  
Grossos

# O Verão em que tudo mudou

A vida sempre guarda inúmeras surpresas.  
Sem avisar, ela muda de direção.



O Verão  
em que  
tudo  
mudou



Gabriela  
Freitas

Thaís  
Wandroski

Vinicius  
Grossos

# O Verão em que tudo mudou ♡

A vida sempre guarda inúmeras surpresas.  
E sem avisar, ela muda de direção.

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa © **BALABOLKA | SHUTTERSTOCK**  
**E OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens internas © **BALABOLKA, IRISKANA, KITE-KIT, MAJIVECKA, DOREMI, SUDOWOODO, SVETLANA PRIKHNENKO, COSMAA, FONA, HAPPY\_FOX\_ART, ZENFRUITGRAPHICS, OLHA KOZACHENKO, ICONIC BESTIARY, IMAGETICO, TOLTEMARA, EVGENY BORNYAKOV, JULYMILKS, VERA HARE, ALEXANDRIAANDCO, MISTLETOE, ALEXANDRA PETRUK PRIMIAOU | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Freitas, Gabriela

O verão em que tudo mudou / Gabriela Freitas,  
Thaís Wandrofski, Vinicius Grossos. — Barueri, sp :  
Faro Editorial, 2017.

ISBN: 978-85-62409-92-9

I. Ficção — Literatura juvenil I. Wandrofski, Thaís.  
II. Grossos, Vinicius. III. Título.

17-01795

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura juvenil 028.5



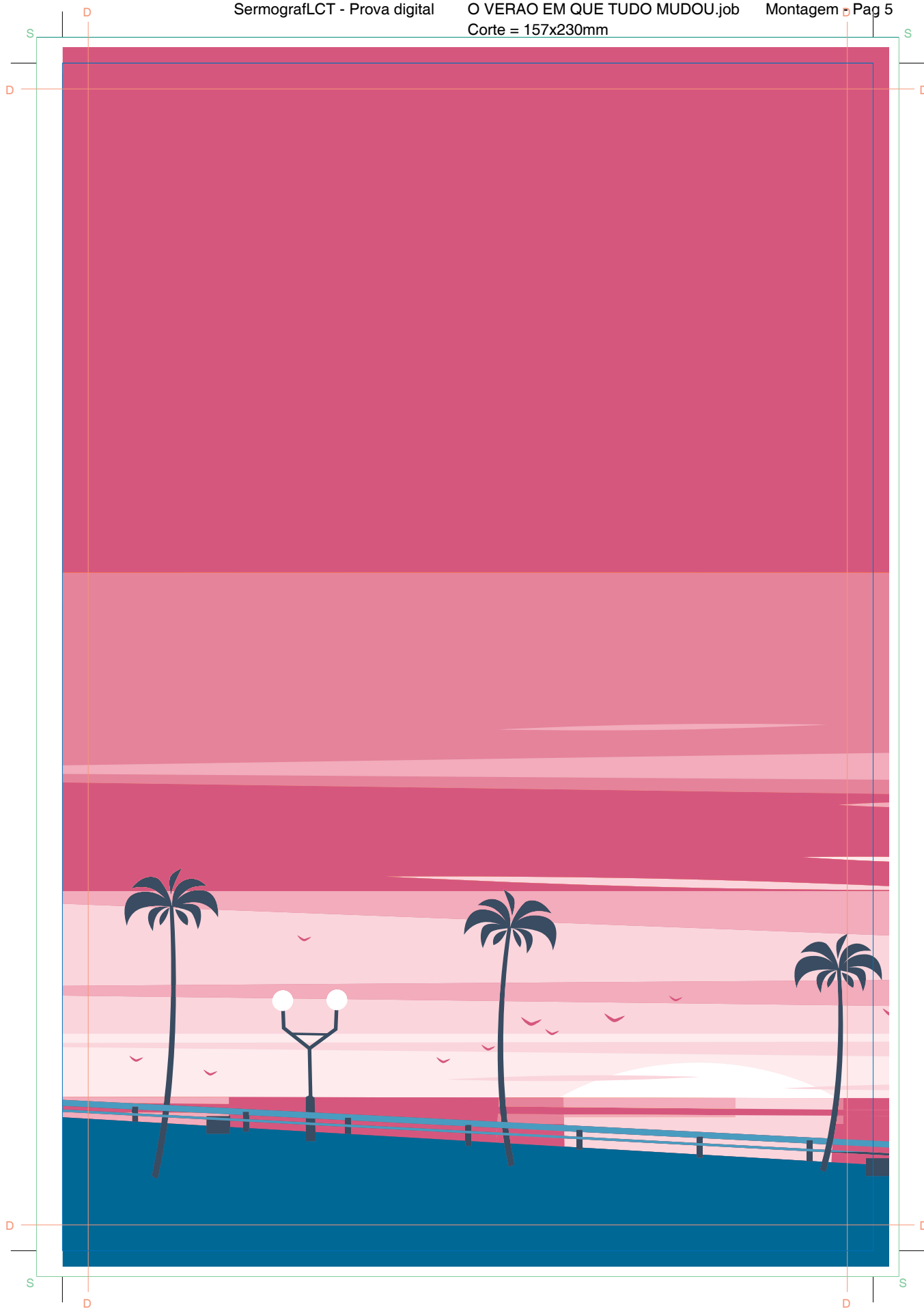
Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – sp – Brasil

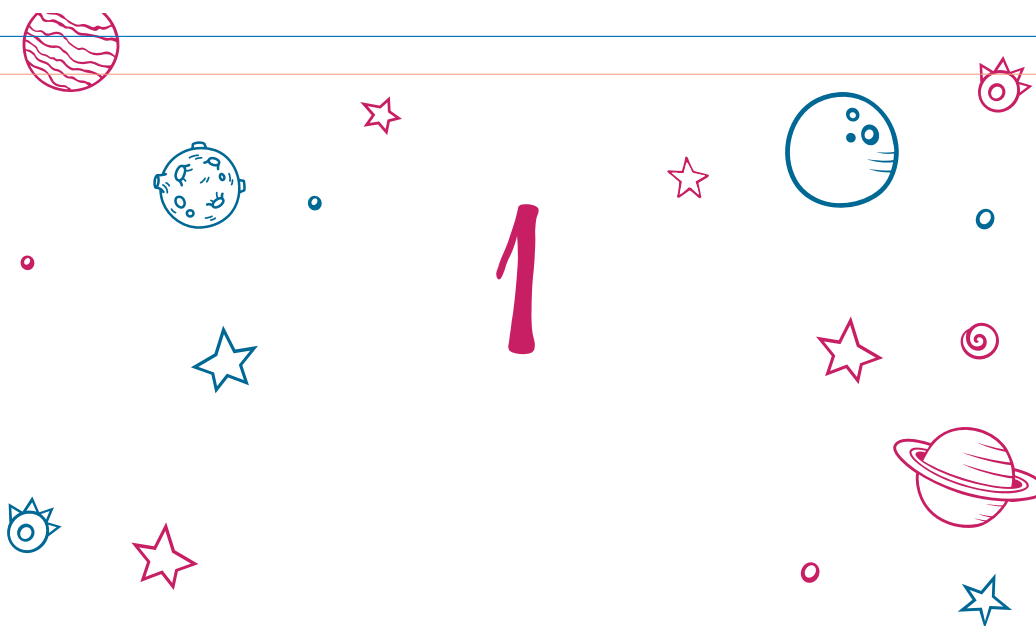
CEP: 06454-010

Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br







## DEZEMBRO QUANDO INFINITOS SE ENCONTRAM

*Vinicius Grosses*

Descobri que, quando nascemos, nossas vidas já vêm com uma prévia de roteiro estabelecida, saiba você disso ou não. Todo o mundo espera que a gente cresça, construa uma carreira, se case, tenha filhos, se aposente e morra. É um ciclo sem fim que enxergo tanto na minha família como nas famílias dos meus amigos. Mas, às vezes, algumas pessoas acabam escapando a essa regra. Mutantes? Talvez; gosto de pensar em mim mesmo como um mutante... Aprendi, com muito custo, a me tornar alguém à margem dos holofotes. Os outros sabem que eu existo, mas não me notam. É como se eu fosse uma simples presença no meio delas sem gerar curiosidade ou interesse. E gosto disso, porque, no fundo mesmo, não há nada de interessante ou atraente na minha vida. E não é glorioso apenas existir. Isso não chama muito a atenção. E, bem, eu sou esse cara. Sou um mutante e meu poder é me camuflar e viver nas sombras.

\*

— Frederico, me ajuda com esta encomenda! — a Bárbara, minha gerente, grita perto do caixa.

O calendário colado na parede indica a data, numa cor vermelha com destaque: 24 de dezembro. É véspera de Natal. O dia está chuvoso, até



meio frio. E as ruas, abarrotadas de gente que não conseguiu comprar presentes a tempo.

Saio dos meus devaneios, desviando-me de vários clientes que lotam a livraria onde trabalho, e vou ajudar a Bárbara. Um *best-seller* sobre uma mulher comum que gosta de sadomasoquismo tem sido o livro mais vendido este mês inteiro. Pelo que parece, o Papai Noel este ano virá com chicotes e algemas.

Vou me esgueirando por sobre os livros da encomenda e começo a tirá-los da caixa de papelão, organizando-os próximo da entrada. A livraria onde trabalho é a mais popular da cidade, com suas infinitas estantes e prateleiras lotadas de livros, desde clássicos aos contemporâneos e comerciais. Trabalho aqui há alguns meses e até gosto bastante: ambiente agradável, café de graça e um salário que me permite pagar as contas. A verdade é que, conforme o terceiro ano do ensino médio foi se aproximando, assim como meu aniversário de dezoito anos, meus pais começaram a fazer pressão para que eu me enquadrasse naquele caminho. Segundo meus cálculos, eu estaria na fase de estudar e passar para uma faculdade. Mas chegamos a um grande dilema que me impediu de prosseguir: fazer faculdade de quê? Embora tenha me dedicado e pensado nisso nos últimos três anos, nada me chamou a atenção... Meus pais acabaram tornando esse impasse em um inferno completo! A conclusão deturpada deles foi que, se eu não queria mais estudar (como se a questão não fosse eu realmente não saber qual caminho seguir), deveria trabalhar, pois eles não me sustentariam para ficar em casa.

Passado meu aniversário, duas semanas depois, lá estava eu, fazendo uma entrevista para a vaga de vendedor na livraria.

No aguardo da chegada do entrevistador, abri a câmera frontal do meu celular e analisei minha aparência. Pele morena, cabelo preto e crespo meio ondulado, olhos escuros, boca muito grande, nariz meio torto. Nada de especial. Nada de atraente. Na verdade, sempre me considerei um conjunto apropriado. Não ficava entre os mais feios, mas nuncaaaaa fiquei na lista dos meninos desejados. Meu corpo também não ajudava muito, já que eu era muito magro. E meio que meus amigos me lembravam disso sempre, com o argumento: “Se você não nasceu com o rosto bonito, precisa ao menos ter um corpo apresentável.” E eu sempre respondia em silêncio: “E se o cara nasceu com um cérebro e é muito legal? Onde se enquadra?”

— Olá, eu sou a Bárbara, a gerente. — A interrupção pôs fim aos meus pensamentos e me trouxe de volta à sala da gerência, onde eu seria entrevistado para a vaga. — Você gosta de livros?

Ao olhar para trás, eu a vi entrando na sala. Ela se sentou em frente a uma mesa no centro do ambiente.

— Gosto. Mais do que de gente — falei, sem parar para pensar em como a gerente poderia interpretar isso, apesar de a resposta ser completamente sincera.

A Bárbara era uns três anos mais velha que eu e entrou na livraria como vendedora, o cargo para o qual estava me candidatando. Em dois anos, ela estava na gerência, encarregada dos vendedores e da administração da loja.

Mas a melhor imagem daquela entrevista foi quando ela se inclinou sobre a mesa de vidro que nos separava e me olhou no fundo dos olhos. A negra, de cabelo rastafári de impor respeito e de traços marcantes, enrugou a testa e disparou:

— DC ou Marvel? — como se minha admissão dependesse disso.

Mirei minhas mãos, molhadas de suor. Inspirei fundo e expirei. “Seja sincero”, uma voz ordenou dentro da minha cabeça.

— Meu super-herói favorito é o Batman, por todo o contexto do universo dele. Amo a sua solidão e os seus dilemas... E UAU! Os vilões são OS MELHORES de toda a história dos quadrinhos. Mas sabe, confesso que meu grupo favorito não é a Liga da Justiça... Tenho mais afinidade pelos X-men. Então não saberia escolher entre DC e Marvel.

A Bárbara me olhou com superioridade e cruzou os braços.

— E se eu fosse uma cliente em potencial e te pedisse uma dica... uma sugestão, entre as duas. O que você faria? — ela quer saber.

Encolhi os ombros. Estávamos na salinha da gerência, um cômodo minúsculo com uma mesa de vidro situada no meio, lotada de papéis, envelopes e notas fiscais. Atrás, havia um armário de ferro, cheio de caixas de papelão, com pastas enormes, contendo mais papéis. A mesa me separava da Bárbara, mas seu olhar parecia penetrar minha alma, garimpando a resposta. Eu também garimpava, porque não sabia bem o que responder.

“Sinceridade”, me forcei a pensar. Não queria entregar uma resposta que parecesse ser a mais adequada e que deixasse de lado a minha personalidade.

Abri a boca e acabei soltando:

— Provavelmente eu não saberia responder... Iria me sentar no chão com você, seguraria a sua mão e te daria força e apoio, qualquer que fosse sua escolha. Escolher entre DC e Marvel é como escolher entre um filho e outro.

Assim que acabei de falar, tive certeza absoluta de que dissera muitas besteiras e de que o bordão: “Obrigada por ter vindo. Qualquer coisa te

ligamos” seria a próxima frase que eu escutaria. Mas a Bárbara começou a rir, enquanto esticava a mão e apertava a minha.

— Respostas sinceras são sempre uma saída muito boa, rapaz. Você começa amanhã! E ah... Quem trabalha na livraria tem 30% de desconto nas compras dos produtos — completou com uma piscada de olho.

E ali meio que começou uma nova era da minha vida.

Experimentar na prática a palavrinha INDEPENDÊNCIA é incrível! Imagina, eu não precisava mais ouvir as reclamações dos meus pais caso quisesse ir ao cinema ou comer no shopping, porque não usaria mais o dinheiro deles. Assim, eu tinha permissão para fazer o que quisesse com o meu salário.

Só que aí eu me deparei com um grande problema: quando você começa a trabalhar no terceiro ano do ensino médio meio que se torna um pária — algo a ser evitado. Meus colegas estavam focados em passar no vestibular e andar comigo era perda de tempo. Um a um, eles foram se afastando. E o resultado foi: um passou para medicina, outro, para administração, e o terceiro, para educação física. Nesse tempo, eu os troquei por outros amigos: Netflix, doces Fini e Burger King.

Quando acabo de montar a pilha do *best-seller* erótico na mesa central, um cliente se aproxima, um tanto desesperado. Típico. Véspera de Natal e ele esqueceu o presente de alguém querido.

— Cara, por favor, estou procurando um livro para a minha mãe... Ela gosta desses romances em que as pessoas morrem e você acaba chorando muito...

E então, com a cabeça já trabalhando com ao menos cinco opções, saio dos meus devaneios e me concentro no trabalho.



Por causa do movimento vertiginoso causado pelo Natal, em vez de dividirem os funcionários em dois turnos para podermos almoçar, como de costume, fomos divididos em grupos menores. Somos dez funcionários trabalhando hoje e, para almoçar, são liberados apenas dois por hora. Como café acaba sendo meu combustível real, não tenho problemas em me candidatar para o último turno do almoço. A Bárbara fica com o último também.

Quando as três horas da tarde chegam e saímos da livraria para comer, a maioria dos restaurantes já está fechada — e temos a confirmação quando tentamos o último restaurante nos arredores.

— Droga! — a Bárbara reclama, olhando pelo vidro da entrada os funcionários limpando o estabelecimento.

Frustrado, encosto no muro de alguma loja e olho para a avenida movimentada que se estende a minha frente. Carros e mais carros num fluxo incontável e, nos espaços vazios, pessoas correndo, pessoas caminhando, pessoas paradas. Pessoas e mais pessoas. Algumas falam exaltadas em seus celulares. Outras apenas correm com sacolas nas mãos. Meio que servindo de cenário para tudo isso, nos locais onde é possível encontrar árvores, guirlandas e pisca-piscas trazem todo o clima natalino.

Sinto o estômago revirar, com ansiedade e um mau pressentimento. Quando chegar em casa, tenho certeza de que encontrarei a rotina — na sua forma mais crua. Meu pai estará assistindo ao telejornal, como sempre. Minha mãe vai fazer uma comida bem mais ou menos. Nada de peru. Nada de farofa com uvas passas. Nada de sobremesa. Nada de Natal.

— Fred? — a voz da Bárbara me traz de volta ao presente. — Eu moro aqui perto... Posso improvisar algo para comermos. Vamos?

Dou de ombros, sem muita opção, e passamos a caminhar rumo ao apartamento da minha gerente.

— E aí? Planos para hoje? — ela me pergunta, depois de um tempinho de caminhada em silêncio.

Sempre fui assim, meio quieto. Falo só quando é extremamente necessário. Uma vez minha avó, que Deus a tenha, brincou, dizendo que eu era um cara que achava as palavras tão bonitas que não gostava de usá-las em vão; que as usava só quando realmente precisava. Gostei daquilo. Até aquele momento, ao contrário do que minha avó acreditava, eu me achava um cara quieto apenas por ser um bundão e não conseguir manter uma linha de raciocínio lógica o suficiente por alguns minutos.

— Desde que meus avós morreram, meus pais meio que cagam pro Natal. É só mais um dia comum — respondo, com sinceridade.

A Bárbara me olha com ar de quem compreendeu algo subentendido.

— Por isso você se ofereceu para fechar a loja — ela deduz.

Não preciso confirmar com palavras. Quem fica para fechar a loja geralmente sai uma hora depois dos outros funcionários.

Paramos em frente a um prédio residencial, a quatro minutos do miolo do centro. O apartamento tem a fachada um tanto descascada, mas eu até que gostei. Parece cenário daqueles filmes *cult* de pessoas solitárias que vivem com um gato e nunca se apaixonaram.

A Bárbara roda a chave e entramos, subindo, em seguida, uns lances de escada até o quarto andar.

— Apartamento 407 — a Bárbara diz ao abrir a porta. — Bem-vindo, Fred.

O lugar é diferente do que eu imaginava. Tem três cômodos: uma sala/quarto, com uma cama de casal no canto, um guarda-roupa ao lado, um criado-mudo do outro lado, uma poltrona em frente e uma sacadinha; e um minúsculo banheiro e uma cozinha tão pequena quanto.

— Pequeninho, né? — ela comenta, acompanhando o meu olhar. — Mas para uma pessoa só, dá pro gasto.

— Eu adoraria morar em um lugar assim. — Sento na poltrona estofada vermelha em frente à cama.

A Bárbara joga na colcha o avental da loja e vai para a cozinha enquanto fala:

— Gosto daqui. É como ter o seu próprio universo.

— Sim — concordo, ainda olhando para tudo.

— O apartamento para onde vou me mudar é um pouquinho mais espaçoso... — ela afirma, de longe. — Só tenho miojo! Serve?

— Sabor carne?

— SIM!

— Serve!

— Se não servisse, azar seu! — ela responde, rindo.

Enquanto a Bárbara se vira na cozinha, acabo reparando que de fato há algumas sacolas e maletas bem arrumadas num canto da pequena sala/quarto.

— Para onde você vai se mudar, Bárbara? Aqui parece ser ótimo... Perto de tudo. Perto do trabalho.

Vejo a cabeleira *black-power* da Bárbara aparecer atrás do vão que desemboca na cozinha.

— Promete guardar segredo?

A questão me pega de surpresa. Adoro a Bárbara e nós sempre tivemos uma relação cordial, educada e até de quase amigos. Ela é agradável e sinto que vai muito com a minha cara. Mas nunca havíamos chegado ao ponto de trocarmos confidências.

— Lógico! — digo, meio desconcertado.

A Bárbara volta a desaparecer na cozinha enquanto o cheirinho do miojo sobe pelo ar.

— Já conversei com nossos chefes e tudo já está acertado... Eu vou embora.

Demora um pouco para que o real valor das palavras dela consiga fazer sentido.

Desde quando comecei a viver essa minha nova vida, a Bárbara praticamente se tornou um totem — um ponto de referência que me tirava, mesmo que apenas no período de trabalho, de uma solidão fortemente construída.

— Embora da livraria? Mas por quê? — Meu cérebro está a mil, com os pensamentos lutando para se tornar argumentos apresentáveis. — Você é uma ótima gerente... se dá bem com todo mundo e...

— Não vou simplesmente embora da livraria, Fred. Eu vou deixar a cidade. O estado.

Meu coração está acelerado e sinto o suor brotando sem freio. Minha cabeça então dá sinais de crise; geralmente, quando tenho um estresse muito grande, tudo começa a doer. Minha boca está seca e fico em silêncio, sem saber o que dizer.

Deve ter demorado uns dois minutinhos, mas para mim parece ter passado uma eternidade quando a Bárbara reaparece com dois pratos de miojo. A fumaça dança em torno dela. Logo a Bárbara se tornará fumaça na minha vida também.

Ela me entrega um prato com um pano por baixo, para que eu não queime a mão, e se senta na cama. Pouso o prato no meu colo e continuo encarando o nada.

— Fred? — ela quebra o silêncio. — O que você tem?

Engulo em seco antes de responder:

— Nada... É só que... fui pego de surpresa. Com a sua notícia.

A Bárbara já está na metade do prato e meu miojo continua intacto.

— Bem... Desculpa não ter falado antes. Mas é que sou meio chata com essas coisas de sonhos. Acredito que se a gente conta antes de ele estar certo de acontecer, a sorte zoa pelas nossas costas e os sonhos e planos não saem de forma perfeita. Não que eu não confie em você. Mas bem, é isso...

Ela pousa o prato na cama, abre a porta do guarda-roupa e tira dele uma mochila. Logo reconheço a estampa inspirada na Cinderela. A Bárbara abre seu zíper e a vira de cabeça para baixo em cima da colcha, despejando todo o seu conteúdo.

No começo não consigo definir bem o que é, mas logo percebo uma série de objetos desconexos: há cabeças de Barbies, miniaturas de carrinhos de plástico, penas artificiais que tentam imitar a penugem de pavões.

— O que é isso? — pergunto, sem entender.

A Bárbara dá um risinho.

— Meu sonho, Frederico — ela diz, com palpável orgulho.

Aí, pega duas cabeças de Barbie que têm cabelo azul e se aproxima de mim. Inclina-se em meu rosto e começa a cutucar o furo na minha orelha, que há um tempo não é usado. Em segundos eu sinto o peso sob minha pele.

— Brincos! — a Bárbara exclama. — Brincos especiais, é claro.

E é isso mesmo. Há milhares de modelos de brincos diferentes, todos incrivelmente exóticos, diferentes de qualquer coisa que eu já tenha visto em toda a vida.

— Já tem algum tempo que montei uma lojinha on-line e tenho vendido meus brincos pelo país inteiro, o que é incrível — a Bárbara me explica. — E eu sempre quis trabalhar com isso. Sempre foi o meu sonho...

— Mas com o que você ganha com isso dá para se sustentar? Tipo... não que seja da minha conta, mas...

— Relaxa, Fred. Você tá certo! — Ela se senta de novo na cama e volta a comer. — Eu realmente não conseguiria me sustentar e levar uma vida digna apenas fazendo os brincos sozinha e enviando pelos correios, como é o esquema atual... Mas é aí que entra a parte boa! Uma empresa de São Paulo comprou a minha ideia e vamos fazer uma parceria! Eu vou idealizar e criar os brincos e eles vão produzir e comercializar.

— UAU! — deixo escapar, numa mistura de sentimentos.

Estou muito feliz pela Bárbara, muito mesmo. Mas ao mesmo tempo, um pedacinho meu, egoísta, não consegue ficar completamente bem com a situação. Eu perderei meu totem. Perderei minha ligação com o lado real da vida.

— Eu... estou feliz por você — completo, me achando um completo idiota com tudo o que sentia.

A Bárbara abre um sorriso.

— Pois é, Fred. É o meu sonho, sabe? Sempre foi. Trabalhar com isso. Até porque, você sabe... na livraria não teria muito espaço para eu crescer.

Concordo com a cabeça. Mas, na verdade, trabalhar para sempre na livraria era uma ideia que me parecia confortável. Nunca pensei o contrário.

— Eu saio de lá em uma semana... — a Bárbara completa.

Encarei meu prato com miojo. A fumaça já havia sumido. A comida esfriava.

— E você, Fred? — ela perguntou, ainda animada. — Qual o seu sonho?

Sem que eu perceba, minhas pernas começam a tremer. Sinto as bochechas ardendo de vergonha, mas o que posso dizer? Nunca fui um cara de muitas ambições, que dirá sonhos.

— Er... — Forço um sorriso, que deve ter saído como uma careta, porque fez meu rosto doer. — Eu...

Então o celular da Bárbara apitou. Ela olhou rapidamente no visor.

— Fim da pausa pro almoço... — Ela dá uma última garfada no macarrão instantâneo e corre para colocar o prato na cozinha.

As duas cabeças de Barbie ainda pesavam na minha orelha. Cuidadosamente, eu as retiro e coloco na cama, junto com as muitas outras criações inusitadas da Bárbara, junto com os seus sonhos.

Acabei não comendo nada.

O miojo esfriou.

Meu tempo também.





# 3

O resto do meu turno passou de forma vertiginosa e complexa. O meu cérebro entrou num estado automático de trabalho, enquanto parte da minha mente se concentrava em raciocinar sobre tudo o que vinha acontecendo.

Eram quase dezoito e trinta e o sol começava a se pôr em meio à espessa camada de nuvens que se acumulava no céu. A livraria fecharia às dezenove horas e eu, como sabia o que me esperava em casa, não tinha nenhuma boa expectativa para depois do expediente. Trinta minutos até as portas se fechassem e eu enfrentar uma tortura...

Aí um rapaz entra, parecendo ansioso, dando passos largos e olhando praticamente para todas as estantes, até se aproximar de mim.

— Oi. — Ele para à minha frente. — Er... Eu preciso de ajuda.

— Sim? — respondo, tentando amenizar a bagunça que os clientes haviam deixado na prateleira de promoções.

— É que... — Ele olha para os dois lados, nitidamente nervoso com alguma coisa.

O jovem é alto, com ombros largos. Seu cabelo castanho estava escondido embaixo de uma touca de lã vermelha. O cara enfia as mãos nos bolsos antes de me encarar de novo.

— Estou tipo escondido aqui... Na cidade, digo. É que vim fazer uma surpresa pro meu namorado. Eu estava em outro país e ele não sabe que voltei. Já comprei vários presentes para ele, mas ele ama literatura... Não será um presente completo se eu não der um livro. Entende?

Faço que sim.

— Lógico. Compreendo perfeitamente. Livros são presentes com muita personalidade.

— É... Pois é. Você me ajuda?

— Sem dúvida. — Deixo a pilha bagunçada e me concentro na missão de pseudocupido. — O que ele gosta de ler?

— Ele curte livros românticos e juvenis. Queria dar um de cada...

— Bem... de romance... — digo, com ele me acompanhando. — ... tem esse aqui, que vai virar filme e está nas listas de mais vendidos há algumas semanas. — Pego um exemplar e o coloco na mão dele. — E juvenil... — ando para outro lado da loja, desviando-me dos meus colegas e de vários clientes aflitos com a proximidade do fechamento — ... eu te indicaria algum livro da Thalita Rebouças, autora nacional. — Apanho o novo livro dela e entrego a ele. — Geralmente são leves e gostosos de ler.

O menino dá uma rápida folheada nos livros e, por fim, abre um sorriso.

— Ótimo! Gostei bastante dos dois! Meu namorado está morando atualmente com a tia dele. Será que você teria algo meio...

— EI! POR FAVOR! — Um cara se coloca entre mim e o primeiro cliente. — ME AJUDA! Estou desesperado! Preciso comprar um presente, tipo, AGORA!

Não gosto muito desse tipo de cliente, que acha que o seu problema é o maior do mundo; maior que o dos outros. Esse cara é bem mais velho que o garoto que procura livros para o namorado. Parece ter uns vinte e sete anos, com cabelo negro e curto, rosto quadrado e um corpo atlético, marcado numa blusa que parece dois números menores que o dele.

O rapaz que eu ajudava antes, um tanto sem graça com a situação, encolhe os ombros.

— Você me ajudou bastante, já. Só vou procurar alguma coisa para a tia do meu namorado e pagar. Obrigado! — Ele aperta a minha mão com gratidão. — E Feliz Natal!

Um segundo após, o cara desesperado se aproxima mais.

— Você tem de me ajudar... Eu preciso do seu melhor livro!

Acho que a minha expressão confusa transmitiu a mensagem, porque logo em seguida ele completa:

— Ahn... É que eu não sei muito bem o gosto da pessoa que eu quero presentear... Mas de alguma forma, preciso que ela se sinta especial.

Coço a cabeça, automaticamente.

— Entendo. Creio que qualquer um que receba um livro de presente se sentirá especial. Essa é minha concepção. Mas sem saber o gosto exato da pessoa fica tão difícil...

— Qual o seu livro favorito? — ele pergunta, o que me pega de surpresa.

— Meu livro favorito?

— É! — As feições do cara se iluminam, como se finalmente ele tivesse chegado à melhor saída. — O seu livro favorito!

Mordi o lábio. Revelar meu livro favorito é algo muito... íntimo. Eu não sabia se poderia compartilhar isso com um estranho.

— Não sei... — respondi, tentando sair da situação. — Eu gosto de muitos livros e...

O ruído das portas de metal em frente à livraria acabou chamando a nossa atenção. Alguém estava fechando metade da passagem. Com a proximidade do fim do expediente, nenhum cliente mais poderia entrar; só sair.

O cara então passou as mãos pelo cabelo, nervoso. Ele era alto, forte, e os músculos dos seus braços pareciam quase explodir a manga da camisa polo azul que usava.

— Se é para alguém especial, por que você não dá um livro que... sei lá... seja o *seu* favorito.

O cara apenas deu de ombros.

— Não sou muito de ler. Na verdade, nunca li um livro inteiro. Prefiro esperar sair o filme.

Meu coração de leitor se parte em caquinhos. Sempre quando alguém me diz algo assim, eu argumento dizendo que nem dez por cento da produção literária virá a se tornar filme um dia. E que mesmo que tenha sua adaptação, na maioria dos casos o livro tem muito mais detalhe. Porém, com a falta de tempo e a certeza de que esse cara em específico não ligará a mínima para a minha opinião sobre livro e filmes, acabo suspirando e fazendo um gesto para que ele me siga.

A verdade mesmo é que não tenho um livro favorito. Várias histórias, de uma forma ou de outra, acabam conquistando o meu coração, me fazendo sentir algo especial. É injusto ter de escolher apenas um. Mas como a solução do cara necessita uma resposta imediata, acabo pegando um dos primeiros livros que li na vida e cuja releitura ganhou um significado totalmente diferente.

— *O Pequeno Príncipe*? — Ao receber o livro, o cara faz uma careta.

Vale ressaltar que a edição que ofereço é comemorativa, de luxo, cheia de detalhes incríveis. A careta dele é totalmente infundada, portanto!

Engulo em seco.

— Sim.

— Mas isso não é infantil?

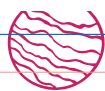
Respiro fundo antes de responder:

— Também. Na verdade, ele é carregado de interpretações. Crianças entendem de um jeito, adultos, de outro. Aliás, você não me disse sequer a faixa etária da pessoa que vai presentear.

O cara olha para o livro por instantes. Seu desdém fica estampado de forma grosseira.

— Que seja... — Ele me dá as costas e vai em direção ao caixa.

Acompanho a cena com o olhar, imóvel. Mas a minha vontade é pegar o maior boxe da coleção de *Guerra dos Tronos* e jogar na cabeça dele. George R. R. Martin entenderia!



# 4



Assim que o último cliente sai e a plaquinha de “FECHADO” é virada para o lado de fora da loja, todos os vendedores começam a correr, jogando aventais para o lado, indo atrás de seus pertences, cantando músicas de Natal pelos corredores.

Como fico para fechar a livraria, ainda tenho de arrumar parte da bagunça deixada pelos clientes. É um tipo de protocolo a ser seguido.

A Bárbara é a última funcionária a sair. Fico por um tempo sentado em cima de uma pilha de livros, encostado numa estante. Minhas costas doem um pouco. Ela se aproxima, pouisa a mão no meu ombro e espera até eu a encarar.

— Feliz Natal, Fred! — ela diz, sorrindo. — Quais os seus planos?

Apenas respirei fundo, cansado.

— Dormir, acho...

Ela riu.

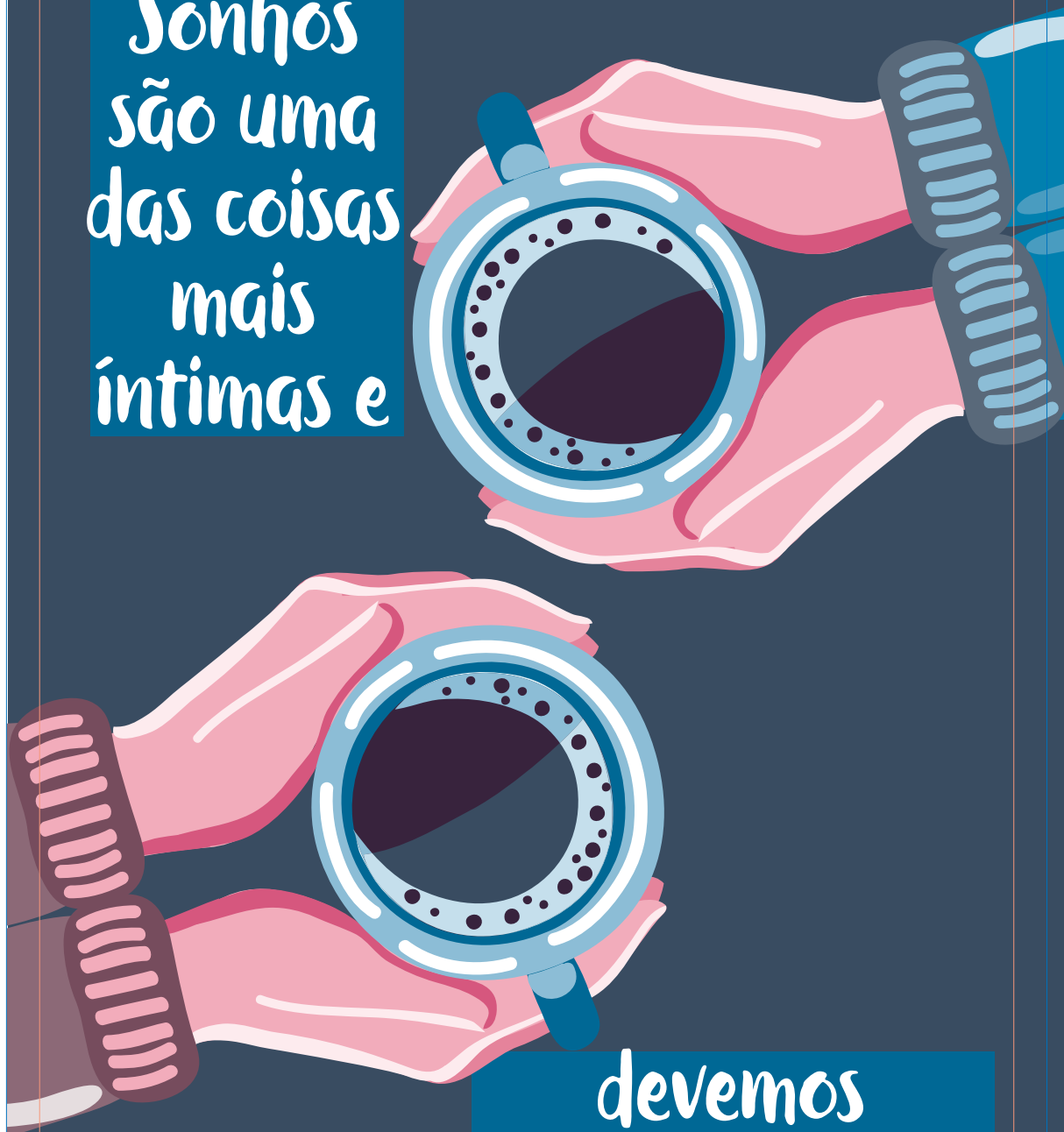
— Não, não... Não me refiro a hoje. Mais cedo, quando te perguntei sobre sonhos, percebi que você titubeou. E tudo bem! Sonhos são uma das coisas mais íntimas e devemos compartilhá-los apenas com quem realmente acharmos merecedor. Eu só acho que você precisa encontrar essa resposta e dar um jeito de fazê-la acontecer, entende?

Faço que sim, ainda tocado pelas palavras, mas sem saber o que dizer.

— Dê a si mesmo esse presente de Natal, Fred. — E, sorrindo, ela enfim se afasta.

Quando a Bárbara sai, fico sozinho com os milhares de histórias presentes nos livros dentro da livraria.

Sonhos  
são uma  
das coisas  
mais  
íntimas e



devemos  
compartilhá-los  
com poucos.

Acabo me lembrando de um Natal na minha infância, com a família toda reunida na casa dos meus avós, o cheiro de peru assado escapando do forno e cobrindo todo o ambiente. Meus pais pareciam felizes, eu brincava com meus primos de correr de um lado para o outro. Lembro-me de sentir a felicidade cobrindo a todos, como um manto invisível. Naquela ocasião, após a meia-noite, meus avós entregaram a cada neto vários embrulhos coloridos. Percebi de cara que meu embrulho era muito menor que o dos meus primos. Esperei então que eles abrissem primeiro os seus presentes.

Todos eles haviam ganhado carrinhos: um primo recebeu o de bombeiro, outro, de polícia, e o outro, uma representação da Ferrari. Todos ficaram felizes e começaram a brincar na hora. Na minha mente de oito anos, fiquei confuso; e então abri o meu. Assim que o embrulho se desfez, encontrei um boneco de astronauta.

Não lembro ao certo o que senti, só sei que lágrimas vieram aos meus olhos e eu corri, me afastando de toda a festa. Algo dentro de mim se partira, como se eu não fosse merecedor de ter um carrinho também. Como se eu tivesse sido rebaixado de alguma maneira.

Tentei me esconder atrás da árvore de Natal, pois não queria que ninguém visse as minhas lágrimas. Demorou um pouco até que meu avô se aproximasse e sentasse ao meu lado. Dentro de mim, sei que sentia vergonha por estar chorando por um motivo bobo, mas não conseguia me conter.

Meu avô não precisou que eu dissesse palavra alguma. Ele apenas me aconchegou junto a si e começou a falar:

— Fred, quando eu era muito criança, mais ou menos da sua idade, vivia numa casa cinco vezes menor que esta, com meus dez irmãos. Era o caçula, o décimo primeiro, e nasci no meio de irmãos mais velhos que já sabiam o que queriam da vida, que já tinham um rumo. A pressão para que desde pequeno eu já soubesse o que fazer do meu futuro vinha sob as minhas costas sem nem ao menos eu ter consciência disso. Por fim, fui crescendo sem ter de fato me encontrado... Depois que me tornei pai, as pressões de sustentar a casa me fizeram pegar trabalhos informais que não me realizavam plenamente, mas davam uma boa vida para a sua avó, seu pai e seus tios. Como você sabe, fui construindo alguns mercadinhos e a vida se tornou mais confortável. Mas sabe qual sempre foi meu grande sonho? O que realmente me fazia suspirar?

Eu o olhei, com o rosto molhado, esperando a resposta.

Meu avô respirou fundo antes de revelar:

— Era ver um prédio sendo erguido. — Ele riu, e eu ri também, em meio às lágrimas. — Pode ser bobo para todas as pessoas do mundo, mas é verdade. Eu amava passar pelas estradas e ver aqueles prédios de vários e vários andares sendo erguidos do nada. Sendo construídos a partir do pó. E acabei percebendo que esse era o meu sonho: eu queria ser engenheiro. Queria construir coisas. Mas o tempo havia passado... Eu já era um senhor e acabei desistindo de estudar, de ir atrás do que queria de verdade. Não pense que me arrependo de alguma decisão que tenha tomado. Longe disso. Tenho uma vida boa. Mas sabe esse sonho? Ele vai estar para sempre comigo.

O vovô então pegou o astronauta da minha mão.

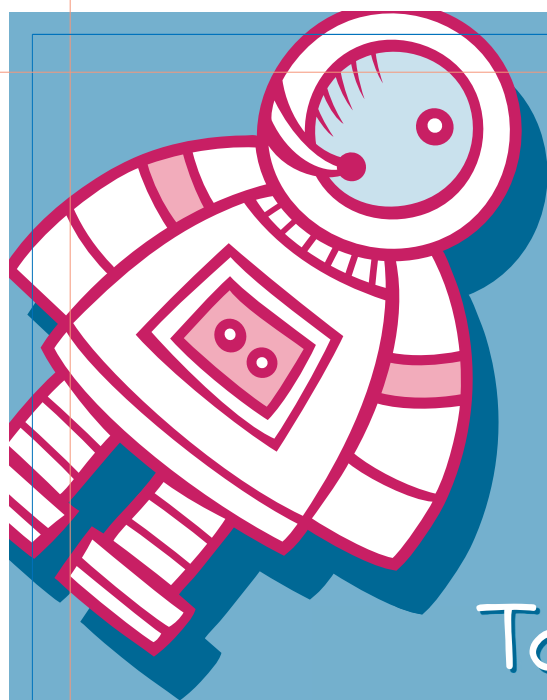
— Escolhi este presente porque sei que você é diferente dos seus primos. Você sempre teve uma sensibilidade, um brilho especial que o diferencia da multidão. E quando vi esse pequeno astronauta, cheio de sonhos e com o poder de ir ao Universo e além, pensei imediatamente em você, Fred. Ainda não sei qual é o seu sonho, e claro que os sonhos mudam, objetivos e projetos também. Mas... toda vez que se sentir perdido, incapaz, com medo de arriscar, quero que se lembre deste astronauta e do que ele é capaz. Porque você é como ele. Todos nós somos astronautas de nossos próprios infinitos. Você sempre pode ir ao céu, e além, e além, e além.

Logo depois das palavras do meu avô, enxuguei as lágrimas e corri para o quintal, com meu astronauta nas mãos, pensando que ele poderia visitar os mais diferentes planetas, alcançando as constelações mais distantes, desbravando pontos infinitos.

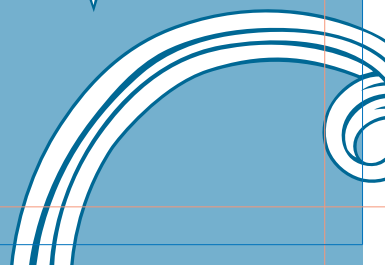
Quando dou por mim, agora, meus olhos estão molhados de emoção por todas essas lembranças.

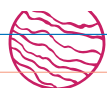
A propósito, onde estará o meu astronauta? Será que ele e os meus sonhos foram tragados por um buraco negro?





Todos nós  
somos astronautas  
de nossos  
próprios infinitos.  
Você sempre pode  
ir ao céu, e além,  
e além, e além.





# 5



Coloco em sua pilha o último exemplar perdido de um livro quando o relógio marca exatamente vinte horas e nove minutos. Tiro o avental, guardo na mochila e me preparo para encarar o vazio do Natal.

Do lado de fora, um chuvisco constante anuncia o clima. Em frente à porta de vidro, surge uma garota insistente, gesticulando com a boca escancarada como se eu pudesse ouvir, se movimentando sem parar. Ela parece com raiva, mas eu não consigo entender nada por causa do vidro. Só o que dá pra distinguir além dela é uma mochila volumosa presa às suas costas e um guarda-chuva laranja que ela segura para tentar se proteger da chuva.

Apenas indico a plaquinha de FECHADO. Em resposta, ela levanta o dedo do meio para mim e continua lá, parada, falando e me olhando com uma expressão de quem parece transtornada.

Forço o olhar para saber se a conheço de algum lugar, mas não. Não a conheço.

Viro-me de costas e começo a guardar as minhas coisas na mochila, quando ouço o vidro da porta sendo esmurrado repetidas vezes. Isso me irrita. Meu dia já foi uma bosta e eu não preciso de uma louca, que deve ter esquecido de comprar um presente e vindo me atormentando no finalzinho do dia.

Aproximo-me da porta, destranco a fechadura e coloco parte do rosto na fresta que abri:

— Estamos fechados, moça!

— Eu sei — ela responde, seca. — Sou alfabetizada.

Abro um sorriso sarcástico.

— Não está parecendo... O que quer?



— Não quero comprar nada! — ela me corta, abrindo a mochila e tirando um exemplar de luxo de *O Pequeno Príncipe*. — Só quero devolver isso!

Suspiro, cansado.

— Só realizamos trocas e devoluções em horário comercial.

— Mas eu não vou estar aqui em horário comercial — ela rebate. — Estou indo embora desta cidade e as chances de, em toda a minha futura existência, voltar aqui são nulas. Na verdade, menos que nulas! Acredite em mim.

— Tá. Entendo suas razões... — Reviro os olhos. — Mas só em horário comercial, certo?

— Apenas fique com esta droga, então! — A garota empurra o livro contra o meu peito. — Eu daria para qualquer idiota na rua, mas com essa chuva as pessoas simplesmente fugiram. Como você me parece um cara infeliz, é o suficiente para merecê-lo.

— Pera lá! Você não me conhece. Por que está sendo estúpida desse jeito? — falo, com raiva, segurando o livro contra o mim.

A menina ri, sem humor. Ela é de estatura média e usa um vestido preto com estampas de borboletas que termina na altura das coxas, com uma jaqueta de couro por cima. E calça botas. Seu cabelo preto e liso vai até o antebraço, escapando da touca de lã vermelha.

— É Natal, mané. E você ainda está trabalhando. — Ela abre um sorriso maior. — Pobre escravo infeliz do mundo capitalista...

— Ah... — Meu queixo cai, em choque, mas logo tento me recompor. — E você deve ser muito feliz, aí fora, no meio da chuva... Vá se ferrar!

E fecho a porta com um baque, furioso. Quem aquela menina pensa que é?!

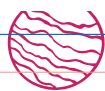
Volto para a bancada onde a minha mochila estava, carregando o livro comigo. Coloco o livro ali e, por curiosidade, abro a capa. Encontro uma foto da garota-abusada-estranha ao lado do cara que eu ajudara mais cedo — o meio grosseiro, que desdenhou de *O Pequeno Príncipe*. Eles estão com os rostos colados e parecem felizes. E, na primeira página, tem uma dedicatória em letra horrorosa:

Valentina, acredite em mim, eu me arrependo de todos os erros que cometi com você. Me dá mais uma chance. Sei que podemos construir um relacionamento top.

Te amo, minha gatinha.

Relacionamento *top?* Rio, sem querer. Pobre e infeliz da menina que tem que ler algo assim. Talvez por isso ela quisesse tanto devolver o livro. Instintivamente olho para a porta — a menina não está mais lá. AMÉM!

Guardo o livro na mochila, com a ideia de doar para alguma biblioteca, e depois a penduro nos ombros. Apanho meu guarda-chuva roxo, dou uma última conferida na livraria. Tudo parece no lugar. Apago as luzes, saio e tranco a porta.



# 6



Todas as lojas estão fechadas, mas a iluminação colorida do Natal continua dando um ar festivo e acolhedor à cidade. As árvores molhadas balançam à mercê do vento, piscando em luzes coloridas ininterruptamente.

Moro numa cidade do interior, cercada por montanhas e com um clima bem pitoresco: enquanto na maior parte do país o sol brilha, aqui sempre há correntes de ar frio e nuvens pesadas e carregadas. É lei: sempre ando com um guarda-chuva na mochila porque a qualquer momento o céu pode desabar.

Devo ter dado uns dez passos até dar de cara com a menina histérica parada na esquina. Ela está de braços cruzados, embaixo da marquise de uma loja, olhando para a rua deserta com a cara fechada.

Ela me olha, revira os olhos e solta:

— Obrigada por ter estragado ainda mais o meu dia!

Paro de andar, surpreso com a ousadia dela.

— Eu já te expliquei que não teria como fazer a troca, devolução, seja lá o que você quisesse fazer... — disse, tentando ser paciente.

— Bom pra você, que ganhou um livro à minha custa! — ela rebate.

Respiro fundo antes de falar:

— Eu tenho uma coleção com vários exemplares de *O Pequeno Príncipe* na minha estante. Não preciso do seu. Se quiser de volta...

— Nunca — ela se adianta.

Dou de ombros.

— Tá. O que quer que eu faça, então?

— Bem...

A menina olha para os dois lados na calçada onde estamos. Minha pergunta é retórica, não quero resposta alguma. Mas ela volta a falar:

— Preciso da ajuda de alguém que seja daqui, da cidade.

— Bem que reparei que seu sotaque é estranho. — A forma como ela pronuncia o R é de certo modo engraçado.

— Não é estranho. As pessoas costumam achar fofo e eu considero um charme — ela afirma, na defensiva.

— Você é paulistana? — indago, curioso.

A menina me olha com desdém.

— Talvez. Agora me responde por que a droga do transporte público não funciona nesta cidade...

Olho para a avenida principal da cidade e o que encontro é meia dúzia de carros passando no asfalto molhado.

— Esta não é uma cidade grande. Em feriados, o transporte costuma parar por algumas horas. Os motoristas têm famílias e também gostam de se reunir para a ceia e tudo o mais.

— O problema não é só os motoristas de ônibus. Praticamente não vi nenhum taxista.

— Creio que pelo mesmo motivo.

— Pois é. E agora eu preciso sair urgentemente desta cidade e não consigo. É questão de vida ou morte. — Ela abraça o próprio corpo.

As palavras dela acabam me deixando apreensivo.

— Questão de vida ou morte? — repito, refletindo.

— Sim — ela confirma, nervosa.

Odeio-me por pensar determinada coisa e mais ainda quando sinto que a frase já está saindo pela minha boca:

— Do que você precisa?

Quero mais que tudo guardar as palavras na minha boca. Foi mais uma reação involuntária do meu cérebro, tentando atrasar meu retorno para casa.

— Você é taxista? — ela rebate, sarcástica. — Porque não vejo seu carro por perto... A não ser que seja invisível. — E começa a rir.

— É o táxi invisível da Mulher Maravilha! — digo com raiva, só não sei se mais da ironia dela ou da minha resposta ridícula, começando a me afastar.

— A Mulher Maravilha tem um avião! — ela resmunga, vindo atrás de mim.

Apenas ouço suas botas fazendo barulho na calçada pavimentada.

— Que pena! Ela precisou vender para trabalhar de taxista por causa da crise. — Não olho para trás e atravesso a rua.

— Rá rá rá! — A garota vem andando rápido, para tentar me acompanhar. — Ela não precisa disso! Agora você...

— Ao menos não estou discutindo com um estranho na rua, sem rumo e sem saber como chegar a qualquer lugar que seja! — Uso o mesmo tom agressivo que ela.

— Está discutindo com uma estranha, sim. *Comigo!* — Ela então corre e para à minha frente.

Nossos guarda-chuvas quase colidem.

— Você é maluca! — exclamo, porque é a única coisa que vem à minha cabeça.

A menina ri.

— Sou. E, só para constar, a Mulher Maravilha tem um jato. Não um avião. Soltei essa pérola só para ver se você percebia e passava no teste. E baaaaaaam! Foi reprovado. E tem mais: sim, eu aceito a sua ajuda.

— Que pena! — Dou de ombros. — Minha ajuda já não está mais disponível.

Passo por ela e volto a andar. Mas logo escuto os ruídos das botas indicando que a menina se reaproxima.

— Você não pode negar ajuda depois de ter oferecido! — argumenta.

Tenho vontade de rir da forma como a vida é zombeteira comigo: não bastasse eu estar destinado a um Natal bem ruim e tedioso, ainda precisava encontrar uma louca que me perseguisse.

— Não te ocorre que eu poderia ser um psicopata? — lanço a dúvida, com a esperança de que isso a amedronte.

— Duvido. Nem psicopata, nem tarado. Já lidei com alguns. Não psicopatas, mas tarados — ela responde com sinceridade.

— E como sabe disso? — Agora estou tão atordoado por eu e ela termos passado a andar lado a lado que diminuo os passos para que a garota possa me acompanhar.

— Bem... Se você fosse um dos dois, teria me deixado entrar na livraria e provavelmente já teria tentado pegar nos meus peitos ou fazer outras coisas nojentas.

— Mas eu posso fazer agora! — sugiro, ansioso para saber a resposta dela.

— Se você fizesse agora, Frederico, eu acionaria a polícia, já que guardei mentalmente seu nome completo quando vi seu crachá, na porta da livraria. Fora isso, com o nome da livraria em que você trabalha, seria ainda mais fácil te achar. E não fiz isso por desconfiar de que você fosse tentar algo, mas meninas aprendem a se defender. E, mesmo que isso não funcione, de alguma forma, se você tentasse alguma coisa, eu iria chutar suas bolas com tanta força, ou apertaria, apertaria, apertaria, até que de uvas-passas elas se transformariam em farofa para a ceia. — Faz uma expressão selvagem, que toma conta do seu rosto e sorri. — Agora você me ajuda?

Fico boquiaberto. De choque. De susto.

— Estou com medo de você — é tudo o que consigo dizer.

O sorriso dela cresceu ainda mais e pude ver seus dentes brancos reluzindo à luz opaca e amarelada de um poste.

— Entenderei isso como um sim.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
SERMOGRAF EM MARÇO DE 2018